



ÁGORA

Encontros entre a cidade e as artes:
Explorando novas urbanidades

[PTDC/ATPGEO/3208/2014]



A Avenida Almirante Reis e os tempos da Primeira República. Os itinerários literários e os lugares da geografia emo-criativa¹

A. Machado ^(a)

^(a) Centro de Estudos Geográficos (CEG), Instituto de Geografia e Ordenamento do Territorial, Universidade de Lisboa (IGOT-UL), aquilino.machado@campus.ul.pt

RESUMO

A narrativa de alguns escritores reporta-se a determinados territórios sentimentais que servem de base à criação simbólica de representações literárias. Na verdade, através da análise de algumas obras literárias descobrimos o ajustamento ficcional entre os lugares narrados e aquilo que na realidade existe.

Neste artigo abordaremos os territórios literários e emocionais inscritos na Avenida Almirante Reis, em Lisboa, num trajeto que percorre a geografia contestatária republicana do final da Monarquia Constitucional até ao período da Primeira República. É nesta impregnação entre o vivido e a ficção que faremos uso de metodologias qualitativas, por via de distintas modalidades de escrita: romances, contos e crónicas para jornais da época. Através da leitura destas criações literárias atestamos a sua importância como estimulantes instrumentos de apoio à Geografia Cultural, ao percecionarem e interpretarem a estreita reciprocidade entre os lugares criativos e as cartografias emocionais.

Palavras chave: Geografia Literária, Geografia Emocional, Avenida Almirante Reis, Primeira República

1. OS TERRITÓRIOS LITERÁRIOS E A CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA EMOCIONAL

O lastro das geografias ficcionais vagueia em muitos dos nossos territórios suportado pelo conhecimento que cada um tem de determinadas recriações literárias. É uma imensa trama cartográfica absorvida na materialidade dos sítios, onde continua presente a memória criativa do escritor. De facto, o interesse por estes territórios ficcionais reflete, em boa medida, o fascínio que advém da leitura das obras e a curiosidade que a memória da respetiva leitura terá suscitado nas pessoas que para lá se dirigem com o propósito de confrontar a realidade local com a representação imaginária que haviam construído.

Na verdade, literatura e o pensamento geográfico coexistem desde que se começou a refletir sobre as organizações espaciais e o lastro das formas inscritas na paisagem (Ribeiro, 1986). Nesta inferência não esqueçamos os relatos geográficos de *Estrabão*, que Levy (2006) reputa como tributários de uma geografia qualitativa, onde uma narrativa mítica, filosófica e metafórica desempenharam um papel determinante.

Com a geografia cultural contemporânea inscrevemos a ideia de uma certa (re)invenção da geografia literária, motivada pela “deslocação dos estudos literários de um quadro temporal (a história literária) para um modelo espacial” (Cunha, 2011, p. 11). O conceito de “imaginário geográfico” (Harvey, 1990, Dereck, 1994, Said, 1978) cunha-se numa acepção que tem origem na geografia pós-moderna ou crítica e que nos diz que o discurso geográfico não reflete apenas o mundo, ele é constitutivo desse mundo, “numa forte articulação entre natureza e cultura” (Cunha, 2011, p. 12). Na asserção

desta nova dimensão, Harvey (1990) lembra-nos que o conhecimento geográfico vive muito da sua identidade como matriz real, mas também como criação simbólica de uma geografia imaginária que permite ajustar de uma forma mais intensa a perenidade do tempo. Por outro lado, Soja (2000) encarrega-se de nos transmitir que nos tempos hodiernos se torna progressivamente mais difícil demonstrar a diferença entre o mundo real e o imaginário.

É neste desfiar que Desbois *et al* (2016) nos indicam que a própria ficção pode gerar uma geografia emocional inerente aos lugares que os escritores habitam ou estão sentimentalmente ligados. Este intenso património conflui numa abordagem em torno da geografia emocional, que deverá recair intrinsecamente no mapeamento dos itinerários pessoais dos escritores, de forma a reproduzir uma ideia ancorada em torno de uma “sentimental cartography” (Bruno, 2007), e que nos permite fortalecer uma noção próxima da geografia emo-criativa que nos revela o que é invisível e nos liberta para organização de percursos de exploração na cidade (Moulaert, 2016).

Assim, podemos afirmar que a finalidade deste artigo se centra na verificação de, em que medida, os territórios recriados e vividos pelos escritores na Avenida Almirante Reis se podem configurar num estimulante instrumento na representação das transformações urbanas. Esta reflexão remete-nos para a seguinte questão que estará presente na discussão deste ensaio: podem os territórios literários inscritos na Avenida Almirante Reis emprestar uma interpretação robusta dos diversos espaço-tempo e na forma como estes se repercutem nas transformações urbanas?

¹ Este artigo integra-se no projeto de investigação ‘ÁGORA - Encontros entre a cidade e as artes: explorando novas urbanidades’, 2016-2019 (PTDC/ATPGE0/3208/2014), financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia.

2. A AVENIDA ALMIRANTE REIS. DO ALVOROÇO DO FINAL DA MONARQUIA AOS DIAS DA PRIMEIRA REPÚBLICA. PERCURSOS LITERÁRIOS E A GEOGRAFIA EMO-CRIATIVA

No ano de 1956, José Rodrigues Miguéis escrevia uma novela a que deu o nome de “Saudades para a Dona Genciana”, e que apresenta nas suas primeiras páginas uma sincronia das primeiras décadas da Avenida Almirante Reis: ‘Ponho-me a olhar a Avenida cá de cima, da minha água-furtada e meu refúgio, e digo-lhe, seu Apoli-nário: tudo isto levou uma grande volta. Antigamente vivia-se aqui como num céu aberto. Nem faz ideia. Onde isso vai, parece-se que não, os dias passam devagar, mas os anos vão-se depressa. A gente só dá por isso quando já não há remédio’ (Miguéis, 1973, p. 183).

Na verdade, a escrita de Miguéis fala-nos de uma avenida que embora tenha nascido no alvor do século XX, uns anos antes da cidade republicana, a ela esteve sempre ligada. Ainda nos tempos da Monarquia Constitucional, a Avenida adquiria um ritmo buliçoso de crescimento e, num abrir e fechar de olhos, rematava no largo do Chile, “o qual recebia de poente uma ligação ainda irregular a Arroios, pela Estrada de Sacavém, confluindo com o Caminho de Baixo da Penha e dando ali origem, em 1903, a uma rua que foi nomeada de Morais Soares, agrónomo ilustre” (França, 2008, p. 632). A norte, a Quinta do Fole, ocupava os itinerários literários onde atualmente se localiza a Alameda.

Mas enquanto era escorada esta ossatura tipológica consolidava-se no seu contexto uma cartografia republicana que redundaria na sua ininterrupta geografia emocional. O escritor Aquilino Ribeiro anunciava que “os comícios monstros que baldeavam Lisboa para os terrenos vagos da Avenida D. Amélia, hoje Almirante Reis, eram sinais pujantes da vaga democrática que açoutava o trono”. Aludia ainda o escritor beirão que “Lisboa àquela data, ainda no alvor do século, era uma boa e afável matrona de capote e lenço. Mas já não tomava rapé e atirara com o terço e escapulários à cara dos sacristas, e rezava outro credo que não o símbolo dos apóstolos. O mais sensível nela é que tiritava. Tiritava de fome-fome, de sede de justiça e de liberdade como eu” (Ribeiro, 2008, p. 168). (ver **figura 1. A**).

Em bom rigor, este capital simbólico de apropriação dos espaços públicos para diversos tipos de ação política associado aos movimentos republicanos e à sua memória histórica e territorial, levaria a que este eixo da cidade de Lisboa acumulasse uma forte carga simbólica e identitária que o faria perdurar ao longo dos tempos. Alves Redol deixou-nos no seu romance *Os Reineiros* (1986) um diálogo entre marido e mulher onde transparece este desejo de aderir a um movimento que emulava pela esperança de melhores tempos: “deixa lá. A gente tem que os levar à mansa...É isso que custa. Um homem cheio de razão e sempre a dizer que sim senhor e a dar à cabeça. Como um burro... É por isso que sou republicano. Aí, homem, credo! É uma gente ... Essa que fala da República. Deus tire uma ideia dessas da cabeça. Pena tenho eu de não poder ir aos comícios às terras da Avenida D. Amélia. Dizem que ali é que é falar acertado”. (ver **figura 1. A**).

Nos primeiros tempos de implantação da Primeira República, o padrão das celebrações estabeleceu um domínio extensivo à cidade burguesa, amplamente acolhido pelo povo lisboeta, que via em tais mobilizações como uma “intromissão” numa Lisboa quase desconhecida, “sede solene do poder político e dos negócios e zona habitacional privilegiada”, onde os “pobres, normalmente só entravam para mendigar, para servir, para serem julgados, para vir morrer ou para protestar” (Rosas, 2010, p. 28). A Avenida D. Amélia acompanhou esta vaga de festividades especialmente nas romagens ao Alto de São João, para prestar homenagem aos regicidas, bem como os cortejos fúnebres de Miguel Bombarda e de Cândido dos Reis. O poeta José Gomes Ferreira destaca também a alegria experimentada nos bairros populares com a chegada da República: “Por felicidade, decorridos dois ou três anos, proclamou-se a República e eu vinguei-me. Vim para a rua com o coração sangrento de bandeiras alegres (foi o dia mais feliz da minha infância!) e, enquanto os carbonários guardavam os bancos (só com um “c”) eu, com o tempestuoso furor dos iconoclastas de coisas mínimas, destruía todas as letras dobradas que encontrava nos livros (vivam os erros de ortografia) os “cc”, os “tt” e, por fim, os “ph ph” e os “th th” sem falar nos “yyy” da minha especial embirração por andarem a fingir de perfurantes e profundos” (Ferreira, 1971, p. 14).

A territorialização da ordem urbana republicana afloraria, igualmente, através da alteração da toponímia herdada da monarquia constitucional. Esta modificação levaria a que a Avenida D. Amélia passasse para o seu atual topónimo, Avenida Almirante Reis. Deste arrebatamento e da galopante “Republicanização” fala-nos Ramalho Ortigão nas suas “Farpas”: “Em Lisboa, que saudosamente eu voltara a ver depois de dois anos de ausência, e onde acabo de passar quatro estirados meses, apáticos, aturdidos e mudos, transformou-se tudo durante os últimos dois a três anos. (...) tanto fisicamente como imoralmente mudou tudo. Mudaram os nomes das ruas, das praças, dos jardins, dos teatros, dos periódicos” (Ortigão, 1993). (ver **figura 1. A**).

O dealbar da Primeira República ficaria marcado pelo gradual avanço da cidade para o seu interior e a Avenida Almirante Reis alinharia nessa sorte. Tal impulso conduziu a um progressivo preenchimento dos espaços expectantes que ainda se impunham em Arroios/Praça do Chile/Morais Soares, a par de um certo número de pequenos bairros de iniciativa privada que despontavam nas suas redondezas: ‘Bairro das Colónias - Bairro de Inglaterra, Bairro Estefânia e, por extensão a oeste, Bairro Açores, Bairro Catarino, e a leste, Bairro da Penha de França, Bairro do Alto Pina’ (Gaspar, 2004, p. 7). Era um balanceamento urbanístico de vocação pequeno-burguês escorado numa pobreza construtiva que matiza-va os bairros que despontavam nas bordaduras da avenida e que era símbolo, “ao mesmo tempo da desorientação topográfica e construtiva e da miséria e mais gosto de algumas gerações de Vitruvius de pacotilha que têm tornado Lisboa num aviário fabricando gaiolas de arame e de cartão” (Sequeira, 1936, p. 25). Tudo muito distante da visão utópica, que clamava por

uma cidade “republicana e socialista”, servida por “ciclóticos pegões servidos por elevadores, viadutos de luxo, um dos quais levaria ao Castelo, e ali a um palácio “ofuscante, gigan-tesco solar de policromias”, onde “atractivos e vícios justificariam a civilização da capital” (Almeida, 1957).

Com o avanço da Primeira República e muito especialmente com a entrada de Portugal na Primeira Grande Guerra, em Março de 1916, a avenida esmoreceu e às “nove horas tudo parecia um cemitério” (Miguéis, 1973, p. 187). Porém, medraria uma cartografia emocional que imortalizaria o sentido imanente que nos leva a percorrê-la sempre com o mesmo aparato emocional, estribada numa impregnação entre o vivido e a ficção que por vezes, se estabelece em determinados territórios (Levy, 2006). Um destes mapeamentos emotivos teve início no número 44 do largo do Intendente Pina Manique, conhecido como a loja de ferragens “António Joaquim Ferro”. A loja da família Ferro estaria sempre associada à importância que o seu terceiro filho, António Joaquim Tavares Ferro, dotaria à cultura, especialmente como futuro editor da revista ORPHEU. Viveria no segundo andar do número 12 da Rua dos Anjos, onde acompanhava o seu pai, um dedicado republicano, nos comícios que baldeavam este local, frequentando também uma barbearia

situada em frente de sua casa, da qual afirmaria, certo dia, que era “um verdadeiro centro político republicano: passava aí a maior parte dos meus dias, não perdendo uma palavra do que ouvia entre republicanos exaltados, apóstolos sinceros, verdadeiros fanáticos, homens que falavam da República, como se a República tivesse forma humana”. Rastreado a geografia emocional de António Ferro, tendo presente os diversos “vasos” que ligam as Avenidas Novas à Almirante Reis, associaremos o Liceu Camões que frequentará e onde conhecerá Mário de Sá-Carneiro. Mais tarde, quando cursa direito, con-viverá com aquele poeta, mas também com Fernando Pessoa, Alfredo Guisado e Almada Negreiros, entre outros, recebendo-os “frequentemente em casa dos pais para discutir livros e ideias até altas horas da noite” (Ferro, 2015). Fernando Pessoa escreve no seu diário, do dia 30 de Março de 1913, que “das 2 e ¼ às 4 e ½ em casa de António Ferro a ouvir-lhe três peças. – Leu duas. – Depois, para a Baixa com ele” (ver **figura 1. B**). Certo é que a geração d’ ORPHEU compassaria uma parte de sua vida quotidiana nas redondezas da Avenida Almirante Reis: Mário de Sá-Carneiro e Mário Duarte na Rua dos Anjos, Luiz de Montalvor, no Forno do Ti-jolo e Fernando Pessoa, em 1912, no número 24 da rua de Passos Manuel, em casa da sua Tia Anica.

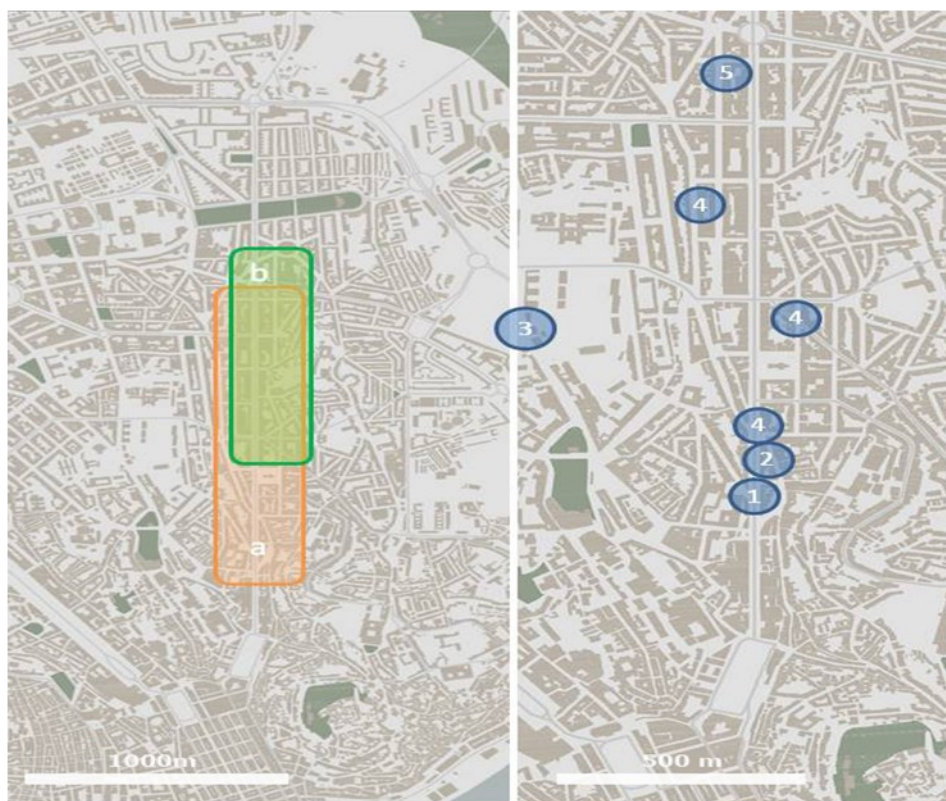


Fig. 1 A: A Avenida Almirante Reis, a marca de uma geografia ficcional: Os Lugares de conspiração e de natureza anti-hegemónica 1) A ficção de Aquilino Ribeiro, Raul Brandão e Alves Redol); 2) Os lugares de vivência republicana; cartografia até à praça do chile: a ficção de José Rodrigues Miguéis, José Gomes Ferreira e Ramalho Ortigão | **Fig. 1 B: A Avenida Almirante Reis e a sua envolvente, o exemplo de uma geografia emocional em torno da Geração d’Orpheu:** : 1. No número 44 do largo do Intendente Pina Manique, a loja de ferragens “António Joaquim Ferro”; 2. A casa de António Ferro (Nº 12 da rua dos Anjos); 3. O Liceu Camões; 4. As residências de Mário de Sá-Carneiro e Mário Duarte na Rua dos Anjos e Luiz de Montalvor no Forno do Tijolo e Fernando Pessoa, em 1912, no número 24 da rua de Passos Manuel, em casa da sua Tia Anica.

Este compasso emocional levaria o poeta da heteronímia a confessar, numa carta a Armando Côrtes-Rodrigues, de 4 de Outubro de 1914, a génese e os apelidos dos heterónimos qualificando como ‘notas engraçadas e curiosas’: “há dias passava eu de carro na Avenida Almirante Reis. Levantando os olhos por acaso, leio no cabeçalho de uma loja: Farmácia A. Caeiro”.

A avenida do Almirante Reis adquiria, então, outras *sentimental cartographies* (Bruno, 2007) à medida que crescia em comprimento. O espraçamento desta geografia emocional ultrapassaria a mera ordenação física e consolidaria uma oferta de outros “imaginários geográficos” (Harvey, 1990), sobretudo com a disseminação das salas de cinema: ‘introduziu-se a ficção alheia ao lugar, ao tempo e aos costumes, que ajudou a corromper o bairro. O amor degenerou em manipulações em tantas partes, com intervalos pasmados de espera, à luz crua no tecto de zinco ou nos florões de estuque, e um piano desafinado e míope a trotar ao longe dum Far-West que nunca existiu senão no celuloide!’ (Miguéis, 1973, p. 187).

Este eixo caminharia, então, para a sua cumeeira, já adereçado pela ditadura salazarista e abraçado por outros territórios literários e outras vivências artísticas que fazem deste local um estimulante laboratório urbano de emo-criatividade (Moulaert, 2016).

3. CONCLUSÃO

Enunciámos uma questão no primeiro ponto deste ensaio e que interrogava se os territórios literários e emocionais inscritos na Avenida Almirante Reis poderiam emprestar uma interpretação robusta dos diversos espaço-tempo e na forma como estes se repercutem nas transformações urbanas. A leitura que fazemos das representações e trajetos destas paisagens literárias e territórios emocionais permite-nos responder afirmativamente.

Uma primeira ideia que pode ser registada é a de que a força dos territórios literários e a intensidade das geografias emocionais arquitectadas sob este eixo urbano se prestam a encontrar acolhimento numa perpetuação de memórias cartográficas que elucidam e explicam o território.

Entendemos que esta projecção literária desempenha um papel determinante na percepção de lugares de memória da Lisboa Republicana que, por força de uma narrativa mitológica, se associam intimamente ao espírito do sítio.

Assim, se releva uma perspectiva insinuante no entendimento dos distintos espaços-tempo e da forma como estes se repercutiram nas transformações urbanas. A dimensão simbólica de grande intensidade que emana destas paisagens literárias presta-se ao reforço de valores identitários que perpetuam a memória de um eixo da cidade de Lisboa tão valorizador da memória republicana e da emo-criatividade. Competirá às entidades públicas municipais aproveitarem este lastro identitário que favorece a identificação dos seus utilizadores com o respetivo território físico e leva a uma maior consciencialização cívica para salvaguardar esse legado cultural imaterial e desenvolverem itinerários de turismo literário e de emo-criativo e literário.

4. BIBLIOGRAFIA

- Almeida F. (1957). *Lisboa Monumental*. Primeira Edição de 1906. Lisboa: Edição CML
- Bruno G. (2007). *Atlas of Emotion. Atlas of Emotion: Journeys in Art, Architecture, and Film*. Paperback
- Cunha C. (2011). *As (s) geografias da literatura: do nacional ao global*. edição Opera Omnia, pag. 118
- Dereck G. (1994). *Geographical Imaginations*. Cambridge: MA Blackwell
- Desbois H., P., Gervais-Lambony, A, Musset (2016). *Géographie; la fiction au coeur. Annales de Géographies*, n 709 – 710. Mai-Août 2016 (235 -145)
- Ferreira J. G. (1971). *O Irreal Quotidiano*, histórias e invenções. Edições Portugal
- Ferro M. (2015). *António Ferro – Os Primeiros anos – 1895 – 1906*. Revista Lusofonia <https://revistalusofonia.wordpress.com/>
- França J-A (2008). *Lisboa - História Física e Moral*. Lisboa: Livros Horizonte
- Gaspar J. (2004). *Razão de ser*.
- www.urv.cat/dgeo/media/upload/arxius/Lisboa/conferencia_jorge_gaspar.pdf
- Harvey D. (1990). *Between space and time reflections on the geographical imagination, Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 80, nº3 (sep 1990) (418 – 434)
- Levy B. (2006). *Géographie et littérature. Une synthèse historique*. Le Globe
- Miguéis J. R. (1973). *Saudades para Dona Genciana*, in *Léah e outras Histórias*. Primeira Edição de 1956. Lisboa: Circulo de Leitores
- Moulaert F. (2016). *Geografia emocional e geografia criativa*, In *Atlas das Utopias Reais*. CEG./Monde Diplomatique
- Ortigão R. (1993). *A Nova Lisboa. Últimas Farpas. Cartas portuguesas: homens e factos dos derradeiros tempos, 1910 – 1915*. Lisboa: Clássica Editora
- Proença R. (1923). *Guia de Portugal*. Lisboa e Arredores. Edição de 1983. Fundação Calouste Gulbenkian
- Redol A. (1986). *Os Reineiros*. Mem Martins: Publicações Europa América
- Ribeiro A. (2008). *Um escritor confessa-se*. Bertrand Editora
- Ribeiro O. (1986). *Iniciação em geografia humana*, Edições João Sá da Costa
- Rosas F. (2010). *Lisboa Revolucionária, 1908 – 1975*. Lisboa: Tinta-da-China
- Said E. (1978). *Orientalism*. New York. Vintage Books Éditions
- Sequeira G. M. (1936). *A Evolução da Cidade*. In *Problemas de Urbanização*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa
- Soja E. (2000). *Postmetropolis. Critical Studies of Cities and Regions*, Oxford: Blackwell Publishers



ÁGORA

Encontros entre a cidade e as artes: explorando novas urbanidades
Encounters between the city and arts: exploring new urbanities

Acesso livre ao livro de resumos completo:

Free access to full abstract book:

<http://cgp2017.weebly.com/>

<https://agoraprojecto.wordpress.com>

agora.ceg.ul@gmail.com